

Tensionamento e Criação: a Comunicação pelo ponto de vista da Semiótica da Cultura¹

Nísia Martins do ROSÁRIO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

Esse artigo tem como propósito realizar uma abordagem da comunicação pela perspectiva da Semiótica da Cultura (SC), trazendo reflexões e apontamentos de Iuri Lotman. O que nos é apresentado pelo autor não se configura como uma teoria da comunicação, porém suas ponderações nos ajudam a trazer à tona aspectos que, mesmo existentes nas teorias mais conhecidas da área, não são tratados da mesma forma. O autor procura tensionar a configuração dos processos comunicativos, bem como os elementos que os articulam afim de que se repense suas dinâmicas, tradutibilidades, resistências de forças, o papel do ruído. A partir do ponto de vista de Lotman é possível vislumbrar um fluxo de comunicação que se constitui na via do tensionamento passando pela função criativa do texto, pela tradução e pela explosão.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Semiótica da Cultura; Resistência de forças.

DIVERSAS ENTRADAS

As teorias da comunicação mais conhecidas e que deram início a consolidação do campo focam-se, principalmente, nas produções, efeitos, origens e funcionamentos dos meios considerando diferentes perspectivas disciplinares, tais como sociologia, antropologia, filosofia, linguística e até matemática. Por consequência, as abordagens

¹ Trabalho apresentado ao GP Semiótica da Comunicação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente e Pesquisadora do PPG em Comunicação nisiamartins@gmail.com;
www.corporalidades.com.br

seguem percursos tecnológicos, econômicos, políticos, cognitivos, sociais de acordo com o contexto em que estão inseridos os pensadores no momento de sua construção. Um breve olhar para o século XX permite perceber que a maioria das teorias da comunicação liga-se à *Mass Communication Research* e, nessa via, conecta-se às mídias que despontavam na primeira metade do século, tais como rádio e televisão. Nos EUA prolifera um conjunto de pesquisas de viés positivista que desenvolve as teorias Hipodérmica, Matemática, da Persuasão, dos Efeitos Limitados, dos Efeitos de Longo Prazo, Funcionalista – e que tem grande força na constituição teórica do campo. No outro lado do oceano, contestando a cultura de massa e pleiteando um lugar de autocrítica do esclarecimento e visualização das ações de dominação social, surge a Teoria Crítica associada à Escola de Frankfurt e também a Teoria Culturalógica.

Ao se posicionar sobre os efeitos do positivismo nas teorias da comunicação Machado e Romanini (2010, p. 90) afirmam que: “ (...) as teorias da comunicação entregaram-se a uma corrida infrutífera para tentar explicar os efeitos sociais do aparecimento das novas mídias”, enquanto deveriam estar ocupadas com as suas assunções básicas, bem como direcionar-se para os fundamentos que sustentam a comunicação. Para os autores, a maior relevância está em entender o que fundamenta o processo e ratificam que “as escolhas epistemológicas limitadas levaram as teorias da comunicação tradicionais a uma espiral de progressiva irrelevância diante dos desafios modernos as ações” (MACHADO e ROMANINI, 2010, p.91).

Na continuidade dessas teorias *de base* da comunicação, mesmo sem se autodenominar ‘teoria’, vão surgindo no mundo ocidental outros importantes estudos que contribuem muito para pensar a área a partir de autores da sociologia, da filosofia, da antropologia, da semiótica. Esse panorama mostra diversas possibilidades de entradas nos estudos da comunicação, a partir de múltiplas perspectivas interdisciplinares e com muitos objetos levando, inclusive, ao debate dos limites do campo. Muitas dessas reflexões e propostas precisam ser atualizadas, outras ainda parecem inconsistentes e mereceriam maior aprofundamento, outras tantas se consolidaram em determinados espaços criando uma espécie de cristalização. Desta maneira, não se pode negar que as teorias – sobretudo aquelas vistas como modelos – são fruto do seu tempo e do espaço em que estão inseridas, sem conseguir dar conta do complexo fenômeno da comunicação.

Essas breves considerações sobre algumas das configurações teóricas da comunicação – conhecidas por todos – têm por objetivo estabelecer o pano de fundo sobre

o qual foi construído o pensamento inicial acerca da área e acentuar a importância de novos olhares que se compõem com mais consistência a partir da segunda metade do século passado. Assim, as reflexões sobre o campo foram, aos poucos, se distanciando do positivismo, do quantitativismo, fazendo emergir outras possibilidades de reflexão associadas ao dinamismo dos processos, abrindo-se para a interação e a inserção social, problematizando objetos e metodologias. Entre os pensadores que cooperaram para fazer avançar o campo pode-se citar, em suas diferentes vertentes, os europeus como Jean Baudrillard, Umberto Eco, Julia Kristeva, Giles Deleuze, Edgar Morin, Roland Barthes, Michel Foucault, Louis Althusser, Pierre Bourdieu, Stuart Hall, Richard Hoggart, Raymond Williams; os latino-americanos como Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Orozco Gomes, Fuentes Navarro, Galindo Cáceres, Martín Serrano, (sem citar os brasileiros); o canadense Marshal McLuhan. Nos EUA ainda pode-se nomear a Escola de Chicago e Escola de Palo Alto. Nessas vertentes, a comunicação transborda o viés da transmissão de sinais de maneira linear, a ocupação com os efeitos e funcionamento dos meios. Cada um contribui à sua maneira, do ponto de vista que consideram mais relevante e desde o espaço-tempo em que estão inseridos.

A proposta deste artigo é ampliar o círculo desses autores e olhares – vários deles de muita relevância – incluindo uma perspectiva ainda pouco abordada para a reflexão sobre a área. O objetivo principal é realizar uma abordagem da comunicação pela perspectiva da Semiótica da Cultura (SC), trazendo reflexões e apontamentos de Iuri Lotman, um semioticista russo, que no século passado viveu uma conjuntura bastante diferenciada da dos intelectuais ocidentais, mas que já se tornou relativamente conhecido no Brasil. Entende-se, portanto, que não é necessário descrever a Escola Tartu-Moscou originadora da Semiótica da Cultura e da qual o pesquisador foi um dos fundadores.

A ENTRADA LOTMANIANA

Iuri Lotman não teve a comunicação como foco principal de suas pesquisas – assim como vários autores usados no campo atualmente –, entre as suas áreas de atuação encontravam-se principalmente a semiótica, a literatura, a história e a cultura. Contudo, o exercício teórico da semiótica o levou à informação e à comunicação. O início da Escola Tartu-Moscou (ETM) situou-se nos anos 1960, emergiu em meio ao sistema soviético e em pleno desenvolvimento da cibernética, ramo da matemática que teve muita influência nesse período para o estudo em diferentes áreas. Machado e Romanini (2010, p.91)

afirmam, nesse sentido, que capítulos importantes da história da ciência foram construídos a partir “das possibilidades de definir unidades de medida, encontrar equações (...) Logo, a descoberta de equações que permitam cálculos matemáticos e lógicos é um marcador distintivo do conhecimento”.

Da mesma forma que a ETM, inicialmente, Lotman recebeu os influxos da cibernética nas suas reflexões teóricas e, nessa via, da Teoria Matemática (ou Teoria da Informação TI) elaborada pelo engenheiro Claude Shannon o qual voltou sua proposta para a quantificação, o armazenamento e a comunicação da informação. É importante recuperar alguns aspectos dessa teoria que foi ultrapassada por Lotman para melhor entender sua linha de pensamento. Justamente por trazer uma teoria de perspectiva matemática, a TI não considerava a inserção social da comunicação, tampouco a interação, sendo assim um modelo apropriado para uma orientação unificadora que se restringia à transmissão de informação num padrão linear, com um mesmo volume de códigos – artificiais – e um mesmo volume de memória entre emissor e receptor, conforme afirma Lotman (1999, 2000a). Tornou-se, portanto, um modelo pouco apropriado e consideravelmente limitado para representar a comunicação já que engessa o seu processo sem considerar a retroalimentação do sistema. Contudo, a Teoria da Informação, a partir do modelo criado por Shannon, teve muito prestígio na comunicação e está na episteme de diversas teorizações no campo. Machado e Romanini (2010, p.91) lembram que “Antropólogos, sociólogos, linguistas e comunicólogos desenvolveram formulações teórica a partir do modelo matemático que consagrou o diagrama bipolar da comunicação, hoje um clássico dos estudos sobre as transmissões”.

Figura 1: Diagrama da Teoria da Informação de Shannon



Fonte: a autora

Lotman (1990) vai trazer um outro olhar sobre esse diagrama, primeiro apontando suas limitações. Segundo ele, não existe uma estrutura semiótica totalmente estável e

imutável e, por outro lado, há uma crença de que a função do mecanismo semiótico é transferir a mensagem adequadamente, ou seja, o texto recebido deve ser idêntico ao enviado, o que determinaria que o sistema teria trabalhado ‘bem’ contando com uma estrutura estável. As “diferenças são classificadas como 'erros' e existem mecanismos especiais na estrutura (por exemplo, redundância) para evitá-los”³ (LOTMAN, 1990, p. 12). A partir deste ponto de vista, a Teoria Matemática leva o conceito de comunicação a uma adequação/redução: os ruídos são sempre considerados como obstáculos devido a alguma imperfeição técnica e as redundâncias estão sempre presentes afim de diminuir as incertezas por meio das repetições. Esse seria, então, um modelo ‘ideal’ de comunicação, uma vez que os ruídos poderiam ser eliminados e as redundâncias repetidas, enunciador e enunciatário deveriam ter uma mesma identidade que configuraria um mesmo volume de códigos e um mesmo volume de memória. Da mesma forma, “o termo código carrega a ideia de estrutura criada, artificial e introduzida por um acordo instantâneo”⁴ (LOTMAN, 1999, p.15), sem supor a história e a cultura. Só se poderia alcançar uma mesma identidade entre enunciador e enunciatário se a transmissão de informação se configurasse num mesmo código e dentro de uma estrutura sem memória. Isso garantiria a comunicação ideal e uma transmissão perfeita, porém rebaixaria o valor da informação, limitando-a já que a mensagem se configuraria pela impossibilidade de polifonia, trazendo o mínimo de compreensão. Nessa via, o modelo matemático se constituiria apenas na relação com a lógica e, mais ainda, pela inteligência artificial própria de operações algorítmicas. Seria, então, uma comunicação que dificilmente se realizaria no âmbito do humano já que não atenta para a memória e a dinâmica transformadora das linguagens e da cultura.

Para a TI o código tem ligação com a redundância uma vez que facilita a exatidão da decodificação, é um teste para identificar os erros visando a exatidão da mensagem. É preciso ter em conta, contudo, que o fato dos sujeitos comunicantes usarem uma mesma linguagem não garante uma identidade de código (que é sempre relativa), eles precisam também de uma mesma (ou análoga) compreensão das regras, uma mesma (ou similar) experiência e referência de linguagem e dimensões de memória parecidas. Não é possível,

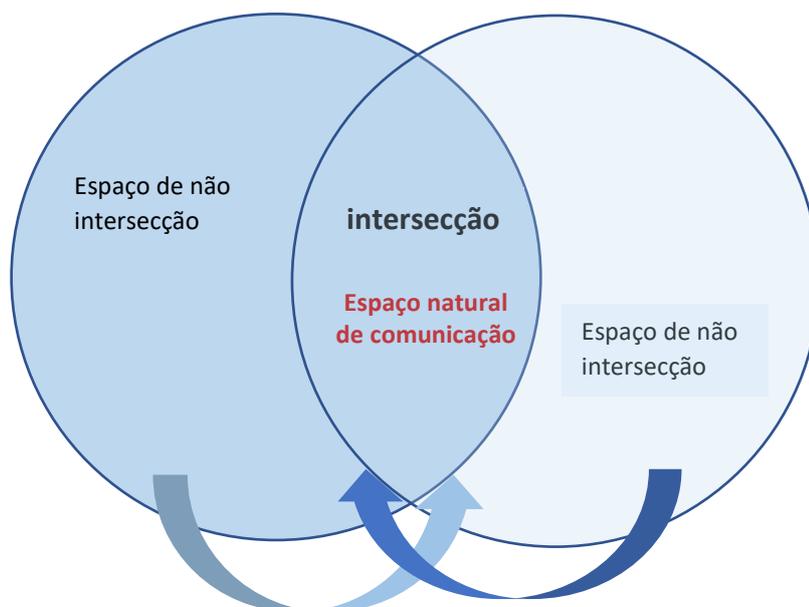
³ Tradução livre de “These differences are classed as 'errors' and there are special mechanisms in the structure (for instance, redundancy) to prevent them”.

⁴ Tradução livre de “El término “código” conlleva la idea de una estructura creada, artificial, e introducida con un acuerdo instantáneo.”

portanto, entender o código pela visão binária para a construção de um conjunto de regras para codificar e decodificar uma mensagem, há nele, também, uma hierarquia multidimensional que se organiza a partir do movimento da cultura e, por consequência, dos sistemas semióticos. Considerando as indicações de Lotman (1990, 1999, 2000a), pode-se entender que o código deve ser pensado na relação com a história e com a dinamicidade da cultura, está em constante atualização e mutação, por isso, não é unívoco. De certa forma, o que se busca na perspectiva do semiótico não é a redundância, mas o ruído – que tem papel especial como elemento capaz de interferir em todo e qualquer processo comunicacional.

Para entender a comunicação humana ‘normal’, Lotman parte, então, de uma *não identidade* de base entre enunciador e enunciatário, o que significa que os sujeitos comunicantes não operam sobre conhecimento e uso equivalentes de códigos, memória e linguagem. Ainda que não haja uma identidade igual entre eles, há um determinado nível de interação propiciados por espaços de linguagem partilhados. De acordo com o diagrama abaixo (figura 2), as zonas partilhadas que se sobrepõem são denominadas pelo autor como espaços de intersecção e as zonas não partilhadas, espaços de não intersecção.

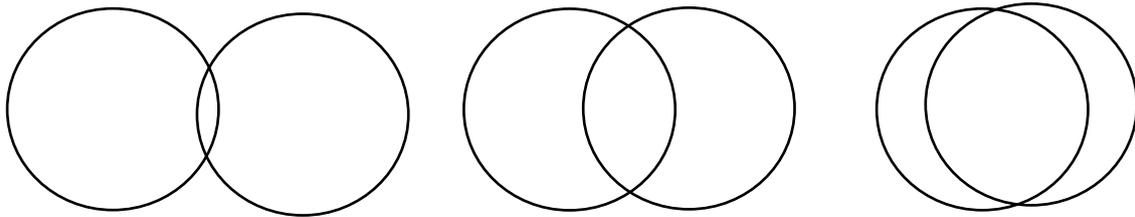
Figura 2 – Diagrama da comunicação na perspectiva de Lotman



Fonte: a autora com inspiração em Lotman, 1999.

É possível pensar que tais espaços podem se cruzar em diferentes níveis e com diversas intensidades (figura 3) e, ao mesmo tempo que eles parecem contraditórios, são complementares. Na visão de Lotman (1999, p. 18) “A vitória exclusiva de algum desses polos [intersecção ou não intersecção] representaria a destruição da informação que se cria no campo de sua tensão recíproca⁵”.

Figura 3: Diferentes níveis de intersecção



Fonte: a autora

A intersecção seria o ambiente natural da comunicação, constrói um determinado nível de identidade entre códigos e linguagens e segue uma tendência que visa colaborar com a compreensão das mensagens, facilitar o processo de tradução e, ao mesmo tempo, se esforçar para ampliar o campo comum, promovendo cada vez mais as trocas de informação. Nesse espaço o ruído tende a ser mínimo e a redundância tende a ser elevada. Diante disso, é possível vislumbrar um ambiente de maior segurança, em que os sistemas modelizantes estão mais unificados, as regularidade, as continuidades e as previsibilidades se fazem presentes. Lotman nos lembra, no entanto, que o intercâmbio de informações realizada nas partes que se cruzam podem sofrer do vício da trivialidade já que as opções para a construção dos textos se centram em escolhas comuns e recorrentes tendo em vista a compreensão facilitada da mensagem.

Já a não intersecção, considerada por si só, se constituiria no lugar de impossibilidade da comunicação, seria, desta maneira, excluída do diálogo; e por consequência pode-se deduzir que não partilharia códigos, linguagens, narrativas, textos comuns. Todavia é possível prever, acompanhando a reflexão de Lotman (1990,1996, 1999) a transmissão de informação entre as partes que não se interseccionam. Esse é o interesse do autor que, inclusive, reconhece que, a primeira vista, seria uma contradição, mas justifica: “estamos interessados na comunicação justamente por causa dessa situação

⁵ Tradução livre de “La victoria exclusiva de alguno de estos polos representaria la destrucción de la información que se crea em el campo de su tensión recíproca”.

que torna difícil a comunicação e que, no limite, a faz impossível”⁶ (LOTMAN, 1999, p. 17). Para ele a relevância do diálogo estaria justamente aí: na possibilidade de uma indeterminação de sentidos. Ao contrário do que se realiza no espaço de intersecção, aqui se vislumbra um ambiente de menor segurança comunicativa, os sistemas modelizantes não estão tão ajustados e, por sua vez, evidenciam-se as irregularidade, descontinuidades e imprevisibilidades. Alteram-se as modalidades e o ruído tende a ser elevado, enquanto que a redundância tende a ser mínima.

Assim, quanto mais difícil e inadequada a tradução de uma parte para outra, mais relevante essa comunicação paradoxal nas relações informativas e sociais. Isso permite deduzir que existem diversos graus de tradutibilidade e intradutibilidade no espaço da não intersecção e seu tensionamento tem, entre outras funções, atualizar os métodos de geração de sentido. Lotman (1999, p. 36), ao falar da criação em metáforas, mostra um cenário possível para essa atualização:

o processo de envelhecimento dos diversos métodos de geração de sentido, constantemente ativo, é compensado, por um lado, pela introdução e uso de novas estruturas geradoras antes proibidas e, por outro, pelo rejuvenescimento das velhas, já esquecidas⁷.

Por essa via, o traço distintivo do texto é a heterogeneidade, a tendência é acrescentar valor a mensagem e ampliar as possibilidades de sentido e, cada vez mais, as diferenças entre os sujeitos comunicantes, trazendo amplitude para o processo comunicativo quando se realiza a ‘tradução do intraduzível’. O autor observa, também, que a não compreensão é um mecanismo de sentido tão importante quanto a compreensão. Assim, o autor observa que o que se pode entender do ponto de vista do espaço de intersecção como um defeito, pelo viés da não intersecção é uma norma.

De modo geral, o que se destaca na reflexão do semiótico russo é a percepção do conceito de tensão, como uma certa resistência de forças, que está inserido no processo comunicativo e que se realiza entre o espaço de intersecção e de não intersecção. O tensionamento recíproco que aí se estabelece é o que mantém viva – em movimento – a comunicação por meio de formas de contato que propiciam deslizamentos diversos, os quais oscilam desde a facilidade da compreensão até seu polo oposto, a intradutibilidade.

⁶ Tradução livres de “ estamos interesados em la comunicaci3n justamente a causa de esa situaci3n que vuelve difcil la comunicaci3n y, em el limite, la hace imposible.”

⁷ Tradução livre de: “El proceso de envejecimiento de los diversos m3todos de generaci3n de sentido, constantemente activo, es compensado, por un lado, por la introducci3n y el uso de nuevas estructuras generadoras de sentido, antes prohibidas; y por el outro, por el rejuvenecimiento de las vejas, ya olvidadas”.

É nesse processo comunicativo de tensionamento que se constrói o texto criativo. Ele propulsiona a atualização de códigos, a reorganização inventiva dos signos num texto, a orientação para novas semioses a partir da indeterminação de sentidos. Empregam-se, nesses movimentos, várias velocidades de transformação, considerando arranjos já costumeiros tanto quanto desarranjos criativos.

De tal modo, a comunicação sai de seu viés de transmissão linear para inserir-se numa configuração mais complexa que percebe, sobretudo, os andamentos desse campo, os quais se dão em diversas direções e intensidades. É importante destacar especialmente a importância da resistência de forças capaz de estabelecer tensionamentos que se manifestam nas disputas entre a facilitação da compreensão e a indeterminação de sentidos, bem como na tentativa de ampliar o campo de intersecção e igualmente na tentativa de ampliar cada vez mais as diferenças entre os sujeitos comunicantes.

Pode-se complementar essa abordagem do tensionamento entre a intersecção e a não intersecção com a perspectiva construída pelo próprio Lotman (1990) sobre a função criativa da linguagem ou do texto. Ela se manifesta na comunicação na medida em que coloca em conexão as partes que não se interseccionam no diagrama apresentado e, assim, permite a criação de novos textos gerados nas forças de resistência e nos tensionamentos do processo comunicativo, operando como ‘dispositivo pensante’ (LOTMAN, 1996). Esses são os textos que não se pode prever ou que se pode prever só relativamente, são heterogêneos e heteroestruturais manifestando várias linguagens em correlações dialógicas e lúdicas constituindo um poliglotismo interno e, portanto, mecanismos de formação de sentidos. Dessa maneira, se conformam num espaço semiótico em que as linguagens se autorganizam, interatuam e se interferem hierarquicamente. Os novos textos se configuram como formações semióticas heterogêneas mutuamente intraduzíveis; considerando as regras existentes podem apresentar-se como textos incorretos, não regulares, que não podem ser inferidos automaticamente. Contudo, assim que eles são postos em circulação, começa a movimentação do sistema para a formulações de regras (códigos, sistemas modelizantes) para esses textos, que trazem consigo também uma potencialidade para a formulações de regras futuras de formação de enunciados.

O texto artístico (LOTMAN, 1996, 1978, 2000b) é o exemplo mais direto de texto novo, no entanto, também se enquadram nessa configuração os textos de outras culturas e os formados casualmente. Em todos os casos pode acontecer do destinatário se deparar com uma linguagem desconhecida e precisar reconstruir códigos e significados. Lotman

(1996, p. 16) afirma que “na história da arte isso é especialmente comum, já que toda obra de arte inovadora é *sui generis* e precisa de um trabalho sobre a linguagem desconhecida que necessita ser reconstruída e masterizada pelos seus destinatários”⁸. A arte é um alargador das imprevisibilidades, bem como da informação porque não tem uma única resolução, um único significado. Todavia, a busca da significação sempre está em movimento e mesmo em casos mais complexos, antes de prosseguir a semiose, o enunciatório busca descobrir algumas indicações sobre quais os códigos estão associados à mensagem e como deve decodificá-los. Por isso, deve-se considerar que mesmo o que é novo e individual deriva de alguma tradição cuja memória é atualizada em textos e, desse modo, os espaços, que a princípio são de não intersecção, vão tensionando o processo comunicativo e impulsionando para a decifração dos textos ali nascidos.

As traduções também se inserem na função criativa, sobretudo quando o tradutor se depara com códigos plurais que se conformam numa complexa construção hierárquica constituída por relações assimétricas e demandando a necessidade constante de escolhas. Nesse cenário, a tradução institui a geração de um novo texto e exemplifica a função criativa tanto da linguagem como do texto (LOTMAN, 2000, p. 14). Assim, segundo o autor, a combinação entre tradutibilidade e intradutibilidade é o que determina a função criativa. O processo de tradução torna-se importante na perspectiva comunicacional do semiótico russo porque, quando realizado em sistemas complexos de códigos, ele se articula nas resistências de forças, nas possibilidades de indeterminações de sentidos e de reconstrução de textos.

Para finalizar, defende-se que essa abordagem de Lotman sobre a comunicação que reconhece a relevância da conexão entre espaços de intersecção e não intersecção prevendo a possibilidade de indeterminação de sentidos, pode ser complementada pelo seu conceito de explosão. Pode-se prever que este se realiza no tensionamento de espaços de não intersecção, mesmo sem que o autor tenha afirmado.

Se a imprevisibilidade, a irregularidade, a descontinuidade são elementos que se destacam nesse movimento de tensionamento ocasionado pela não intersecção de espaços de linguagem, a explosão torna-se uma possibilidade de resultado dessas resistências de forças bastante considerável. Lotman (1999) afirma que o momento da explosão é o

⁸ In the history of art this is especially common, since every innovatory work of art is *sui generis* a work in a language that is unknown to the audience and which has to be reconstructed and mastered by its addressees.

momento da imprevisibilidade – que não pode ser entendida como probabilidades ilimitadas, mas como conjunto de possibilidades das quais apenas uma se realiza. Esse cenário coloca em circulação, também, um complexo de potenciais trajetórias de sentidos, nem sempre sendo possível prever o estado seguinte. A explosão, portanto, é o lugar de um brusco aumento da informatividade de todo o sistema, “a curva de desenvolvimento salta a uma via completamente nova, imprevisível e mais complexa”⁹ (LOTMAN, 1999, p. 28)

Rosário e Aguiar (2014) tratam dessa questão da explosão afirmando que o acaso (casualidade) é um dos seus elementos principais. “A mente humana vê o curso geral das coisas e pode extrair dele profundas suposições, frequentemente justificadas pelo tempo, porém lhe é impossível prever a casualidade, poderoso e instantâneo instrumento da providência”¹⁰ (LOTMAN 1999, p.22). A explosão – que ocorre na casualidade – interrompe a cadeia de causas e efeitos a que se está acostumado, gerando um campo minado de grande densidade de informações. O processo de explosão não prevê o caminho, não tem um percurso pré-definido.

O autor ainda diz que os limites das intersecções são formados por multiplicidade de usos e que o espaço da semiótica da explosão pode ser entendido como uma intersecção em vários níveis de vários textos, que unidos vão formar um determinado estrato, com complexas relações internas, diferentes graus de tradutibilidade e espaços de intradutibilidade. Lotman (1999) destaca que a inspiração criativa pode ser entendida como uma tensão suprema e, para chegar ao nível da criação imprevisível, arranca o homem da esfera da lógica. É por isso que no momento da explosão os sentidos se desterritorializam configurando a criação, a novidade; os códigos se atualizam em diferentes velocidades e o incompatível se transforma em adequado, o intraduzível em traduzível. Em algum momento esses sentidos são reterritorializados com forte tendência a incorporação e assimilação pela semiosfera, o processo sofre uma inflexão quando a explosão se esgota. Essa é a lógica da explosão (ROSÁRIO, 2014).

O tensionamento e a explosão são movimentos importantes para a renovação dos sentidos já que o envelhecimento dos “métodos geradores de sentidos é compensado pela introdução e uso de novas estruturas geradoras de sentidos, antes proibidas” (LOTMAN,

⁹ Tradução livre de “La curva de desarrollo salta aquí a una vía completamente nueva, imprevisible y más compleja”.

¹⁰ Tradução livre.

1999, p.35/36). Nessa via, a inspiração criativa é pensada como o mais alto grau da tensão que arranca o homem da esfera da lógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o processo comunicacional se enriquece pelos tensionamentos que vão se formando nos espaços de não intersecção e, dessa maneira, se constituem como ambientes de criação e de novidade. Esses movimentos paradoxais, que operam sobre a possibilidade da intradutibilidade, vão compondo diferentes tramas de sentido porque necessitam ser codificados e decodificados a cada vez. Lotman (1990, p. 15) observa que “nesse caso o significado não é apenas um remanescente invariante que é preservado sob todos os tipos de operações transformacionais, mas também é o que é alterado, podemos afirmar que há um acréscimo de significado no processo de tais transformações”¹¹.

A semiotização propulsiona movimentos e mutações nos sistemas que envolve, se realiza com mais potência nas fronteiras da semiosfera e igualmente nas partes não interseccionadas do modelo de comunicação proposto por Lotman (1999, 1996). A comunicação, então, vai construindo seus movimentos em duas direções pelo menos: da previsibilidade e da imprevisibilidade. Ambas se estimulam reciprocamente, relacionam-se de forma dinâmica por sucessão e por simultaneidade de vários estados. Seu funcionamento recíproco, mas igualmente consolidado na oposição, provoca respectivamente a estabilização e a desestabilização. Essa última é definida como uma linha de desenvolvimento que salta para uma nova: imprevisível e mais complexa.

As contribuições de Lotman para a comunicação, portanto, não estão restritas a proposta de ultrapassar o modelo da teoria da informação de Shannon, mas de complexificar o processo comunicacional pela inclusão do conceito de tensão, pela nova função dada ao ruído, pela defesa da mutação e atualização constante dos códigos, pela inclusão dos ambiente de emissão e recepção na dimensão do texto, pela definição de um espaço próprio da semiotização e, portanto, da comunicação.

A partir dos aportes trazidos por Lotman é possível amplificar os modos de pensar a comunicação, trazendo-os para os contextos mais contemporâneos – o que será objeto

¹¹ Tradução livre de “Since in this case the meaning is not only an invariant remnant which is preserved under all manner of transformational operations, but is also what is altered, we can claim that there is an accretion of meaning in the process of such transformations.

de outro artigo. O que se destaca nessa reflexão é o aspecto da criação tensionadora e reorganizadora de códigos e de linguagens, manifestando novos textos capazes de demandar leituras mais complexa e, desta forma, configurações políticas da comunicação.

Referências bibliográficas

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. **La Semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Catedra, 1996.

_____. **La Semiosfera II**. Semiótica de la cultura y del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Catedra, 2000a.

_____. **La Semiosfera III**. Semiótica de las artes e de la cultures. Madrid: Catedra, 2000b.

_____. **Cultura y explosión**. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **Universe of mind**. A Semiotic theory of culture. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, Irene; ROMANINI, Vinícius. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Famecos**. Porto Alegre. V.17; n.2, p.89-97, Ago. 2010.

ROSÁRIO, N.M.; AGUIAR, L. Implosão mediática: corporalidades nas configurações dos sentidos da linguagem. **Significação. Revista de Cultura Audiovisual**. V.41, n.42, 2014.